



*Jerusalém Celeste.* Mosaico dos princípios do séc. V da abside da Basilica de Santa Pudenziana. Foto do autor.

## RESUMO

*Para o conhecimento da Arte da Antiguidade Greco-Romana contribuem significativamente as informações que nos vêm de textos contemporâneos da sua produção, mesmo aqueles que não foram escritos na perspectiva da Arte ou da sua História. Os livros neotestamentários, in genere datados da segunda metade do século I d.C., tiveram como objectivo essencial o anúncio do kerigma evangélico. Todavia, dão-nos conta de situações histórico-sociais, vivências e propostas inseridas num quotidiano dinamizado pelo fenómeno da aculturação do judaísmo e do cristianismo com a cultura greco-romana e o seu urbanismo, a sua arquitectura e a sua arte em geral, permitindo um outro tipo de olhar, o do Historiador da Arte.*

## OLHARES DO HISTORIADOR DA ARTE perante o discurso original do Cristianismo<sup>1</sup>

M. Justino Maciel\*

### INTRODUÇÃO

O Homem e o Humanismo surgem-nos como referentes no dinamismo teológico dos textos neotestamentários. A Humanidade de Cristo e a circunstância da vivência quotidiana das propostas evangélicas também poderão ser vistas sob o ponto da vista da História da Arte, numa consciência da totalidade dessa vivência, em que se ouve não só o citaredo<sup>2</sup>, o músico<sup>3</sup>, o tocador de flauta e de trombeta<sup>4</sup>, o ruído da mó<sup>5</sup>, a voz do esposo e da esposa<sup>6</sup> e se vê a luz da lâmpada<sup>7</sup>, mas onde também se encontra o artista de qualquer arte<sup>8</sup>. Podemos assim constatar a dimensão estética da revelação cristã e sentir a historicidade dos relatos transmitidos pelos textos, na relação entre os espaços naturais e os espaços construídos – urbanismo, arquitectura, artes decorativas – nas referências ao corpo, ao vestuário e seus adereços, aos objectos e instrumentos, meios de transporte, paraísos animal e vegetal, mobiliário e artes ditas menores, assim desenvolvendo como que uma História da Arte claramente de contexto romano entre as épocas julio-cláudia e adriânica.

O nascimento e primeiros vagidos de um Menino chamado Jesus Cristo acompanham o impacto histórico, político e social do Edicto de Octávio César

\* Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

<sup>1</sup> Percurso seguido sobre os textos grego e latino do Novo Testamento na seguinte edição: *Novum Testamentum Graece et Latine, Editio vicesima secunda, utrumque textum cum apparatu critico imprimendum curavit Heberhard Nestle*, London, United Bible Societies, 1969.

<sup>2</sup> Ap. 14,2: *Sicut citharoedorum citharizantium in citharis suis*. Ap. 18,22: *Et vox citharoedorum...*

<sup>3</sup> Ap. 18,22: *Musicorum*.

<sup>4</sup> Mt. 9,23: *Et vidisset tibicines et turbam tumultuantem*. Ap. 18,22 : *Et tibia canentium et tuba...*

<sup>5</sup> Ap. 18, 22: *Et vox molae...*

<sup>6</sup> Ap. 18,23 : *Et vox sponsi, et sponsae...*

<sup>7</sup> Ap. 18, 23: *Et lux lucernae...*

<sup>8</sup> Ap.18,22: *Et omnis artifex omnis artis...*

Augusto promovendo o censo do Império, em plena *Pax romana*<sup>9</sup>. Este recenseamento foi aplicado na Província da Síria, que então tutelava a Palestina, pelo *Praeses Cyrinus*<sup>10</sup>. Cumprindo a ordem do Imperador, um casal da Galileia vai à cidade de origem, Belém, para se recensear e, completando-se os meses de gestação, aí nasce uma criança que mudaria os destinos do Império romano e da História. Império este que, como na época dizia Vitruvius, também se preocupava com a *egrégia autoridade dos edifícios públicos*<sup>11</sup>, para que fossem entregues à memória dos vindouros como testemunho dos feitos notáveis<sup>12</sup>, e surge nos textos neotestamentários representado na pessoa dos Césares, normalmente citados apenas pelos títulos do seu desempenho: *Caesar*<sup>13</sup>, *Augustus*<sup>14</sup>, *Princeps*<sup>15</sup>, *Dominus*<sup>16</sup>, podendo nós, sob estes atributos oficiais, que pressupõem o conhecimento do culto que então lhes era prestado, identificar Octávio Augusto<sup>17</sup>, Tibério Nero<sup>18</sup>, Tibério Cláudio Druso<sup>19</sup> e Nero Cláudio César<sup>20</sup>. O Império romano surge também representado na pessoa de governadores e de procônsules das províncias, como o já citado Quirino, da Síria, no tempo de Augusto; Pôncio Pilatos, *praeses* na Judeia no tempo de Tibério<sup>21</sup>; Galião, procônsul da Acaia<sup>22</sup> e Sérgio Paulo, procônsul residente em Chipre<sup>23</sup>, ambos na época de Cláudio; Cláudio Félix<sup>24</sup>, liberto do Imperador que lhe deu o nome

e também, segundo Suetônio, lhe ofereceu “coortes, esquadrões e o governo da Judeia”<sup>25</sup>, que deixou no ano 60; e ainda Pórcio Festo, nomeado para o lugar do anterior por Nero<sup>26</sup>. Por outro lado, a cadeia hierárquica e administrativa, em que tudo se organizava segundo os modelos da *Urbs* e das *classes romanae*, donde o adjetivo clássico, transparece claramente na referência neotestamentária a funções secundárias mas essenciais à unidade do Império: tribunos<sup>27</sup>, centuriões<sup>28</sup>, chefes locais<sup>29</sup>, magistrados<sup>30</sup>, lictores<sup>31</sup>, meirinhos<sup>32</sup>, publicanos<sup>33</sup> e chefes de publicanos<sup>34</sup>, guardas<sup>35</sup> e soldados<sup>36</sup>, estes agrupados em legiões<sup>37</sup>, coortes<sup>38</sup>, duas delas identificadas, a Coorte Augusta<sup>39</sup> e a Coorte Itálica<sup>40</sup>, seja como infantes<sup>41</sup>, lanceiros<sup>42</sup> ou cavaleiros<sup>43</sup>.

Definido o tipo de relação político-administrativo-social, imposto pela romanização da Palestina, visto também objectivamente como fenómeno social total, outros aspectos se inserem nesta cadeia subordinada ao poder central romano, na aculturação de modelos económicos, sociais, culturais e artísticos. O Império é visto a partir dos textos do Novo Testamento como dividido em províncias – distribuídas por três continentes – e em cidades com os respectivos

9 Lc. 2,1: *Factum est autem in diebus illis, exiit edictum a Caesare Augusto ut describeretur universus orbis.*

10 Lc. 2,2: *Haec descriptio prima, facta est a praeside Syriae Cyrino.*

11 *De Architectura*, I, Pr. 2: *Ut maiestas imperii publicorum aedificiorum egregias haberet auctoritates.*

12 Idem, Pr. 3: *Pro amplitudine rerum gestarum ut posteris memoriae traderentur.*

13 Lc. 20,24: *Respondentes dixerunt ei: Caesaris.* Ac. 26,32: *Si non appelasset Caesarem.*

14 Lc. 2,1: *Exiit edictum a Caesare Augusto.* Ac. 25,21: *Ut servaretur ad Augusti cognitionem.* Ac. 25,25: *Hoc appellante ad Augustum.*

15 Lc. 12,58: *Cum autem vadis cum adversario tuo ad principem.*

16 Ac. 25,26: *De quo quid certum scribam domino, non habeo.*

17 Lc. 2,1: *Edictum a Caesare Augusto.*

18 Mt. 22,21: *Dicunt ei: Caesaris. Tunc ait illis: Reddite ergo quae sunt Caesaris, Caesari.*

19 Com o seu nome citado em Ac. 11,28: *Quae facta est sub Claudio.* E em 18,2: *Eo quod praecepisset Claudius discedere omnes Iudaeos a Roma.*

20 Ac. 25,21: *Iussi servare eum, donec mittam eum ad Caesarem.* E em Ac. 26,32: *Dimitti poterat homo hic, si non appellasset Caesarem.*

21 Mt. 27,11: *Stetit ante praesidem, et interrogavit eum praeses.* Lc. 20,20: *Ut traderent illum principatui, et potestati praesidis.*

22 Ac. 18,12: *Gallione autem proconsule Achaiae.*

23 Ac. 13,7: *Qui erat cum Proconsule Sergio Paulo viro prudente.*

24 Ac. 23,26: *Claudius Lysias optimo Praesidi, Felici salutem.*

25 *Claudius*, 27: *Nec minus Felicem, quem cohortibus et alis provinciaeque Iudaeae praeposuit...*

26 Ac. 24,27: *Biennio autem expleto, accepit successorem Felix Portium Festum.*

27 *Tribunus*, Jo. 18,12: *Cohors ergo, et tribunus.* Ac. 21,31: *Nunciatum est tribuno cohortis.* E Ac. 22,27: *Accedens autem tribunus.*

28 Mt. 8,5: *Accessit ad eum Enturio.* Mt. 27,54: *Centurio autem, et qui cum eo erant.* Mc. 15,44: *Et accersito centurione, interrogavit eum.* Ac. 10,1: *Cornelius, Centurio cohortis, quae dicitur Italica.*

29 Jo. 4,46: *Et erat quidam regulus.*

30 Ac. 16,35: *Miserunt magistratus.*

31 *Ibidem*: *Lictores.*

32 Lc. 12,58: *Et iudex tradat te exactori, et exactor mittat te in carcerem.*

33 Lc. 18,13: *Et publicanus a longe stans.*

34 Lc. 19,2: *Et hic princeps erat publicanorum.*

35 Mt. 28,4: *Exterriti sunt custodes.*

36 Mt. 8,9: *Habens sub me milites.* Mc. 15,16: *Milites autem duxerunt eum.* Ac. 21,32: *Assumptis militibus, et centurionibus.*

37 Mt. 26,53: *Plusquam duodecim legiones.* Lc. 8,30: *At ille dixit: Legio.*

38 Mc. 15,16: *Et convocant totam cohortem.* Ac. 21,31: *Nunciatum est tribuno cohortis.*

39 Ac. 27,1: *Centurioni nomine Iulio cohortis Augustae.*

40 Ac. 10,1: *Cohortis, quae dicitur Italica.*

41 *Milites*, Ac. 23,23: *Parate milites ducentos ut eant usque Caesaream.*

42 *Ibidem*: *Et lancearios ducentos.*

43 *Ibidem*: *Et equites septuaginta.*

territórios, como poderemos constatar numa carta geográfica reportada a esse tempo. Naturalmente, dada a gênese e primeiro desenvolvimento do Cristianismo, o continente mais referenciado é a Ásia, com referência explícita às Províncias ou sub-regiões administrativas da Judeia<sup>44</sup>, Samaria<sup>45</sup>, Galileia<sup>46</sup>, Síria<sup>47</sup>, Fenícia<sup>48</sup>, Mesopotâmia<sup>49</sup>, Capadócia<sup>50</sup>, Frígia<sup>51</sup>, Galácia<sup>52</sup>, Mísia<sup>53</sup>, Ponto<sup>54</sup>, Bitínia<sup>55</sup>, Panfília<sup>56</sup>, Cilícia<sup>57</sup>, Lícia<sup>58</sup>, Licaónia<sup>59</sup> e Pisídia<sup>60</sup>. Surge depois a Europa, com a referência concreta às Províncias da Acaia/Grécia<sup>61</sup>, Macedónia<sup>62</sup>, Itália<sup>63</sup> e Hispânia<sup>64</sup>. E a África, com as referências ao Egípto<sup>65</sup>, à Cirenaica<sup>66</sup>, à Líbia<sup>67</sup> e à Etiópia<sup>68</sup>. É este Império que assim se nos revela vasto e conhecido que servirá de referência à organização territorial do Cristianismo nascente. Um Império que se estende em torno de um *mare nostrum*, o Mediterrâneo, de que

se referem também as ilhas de Cós<sup>69</sup>, Rodes<sup>70</sup>, Lesbos (Mitilene)<sup>71</sup>, Samotrácia<sup>72</sup>, Creta<sup>73</sup>, Cauda<sup>74</sup>, Chipre<sup>75</sup>, Quio<sup>76</sup>, Malta<sup>77</sup>, Patmos<sup>78</sup>, Samos<sup>79</sup> e Sicília (Siracusa)<sup>80</sup>.

A gestão e ordenamento deste vasto território dominado pela Roma dos Césares perpassa claramente nos textos escritos pelos Apóstolos e Evangelistas, seja na referência à cidade e a amplos aspectos do seu urbanismo, seja na vivência do seu território, com citação de edifícios e espaços públicos e privados, na cidade ou no campo. Damo-nos também conta dos eixos viários, como os de Jerusalém a Jericó<sup>81</sup>, da Judeia à Galileia<sup>82</sup>, de Jerusalém a Damasco<sup>83</sup>, de Jerusalém a Cesareia via Antipátride<sup>84</sup> ou de Putéolos a Roma<sup>85</sup>, e a portos<sup>86</sup> e percursos marítimos<sup>87</sup>.

44 Ac. 2,9 : *Iudaeam*.

45 Ac. 9,31 : *Et Samariam*.

46 Jo. 4, 3 : *Et abbit iterum in Galilaeam*.

47 Ac. 15,41 : *Perambulabat autem Syriam*.

48 Ac. 11,19 : *Perambulaverunt usque Phoenicen*.

49 Ac. 2,9 : *Et qui habitant Mesopotamiam*.

50 Ibidem : *Et Cappadociam*.

51 Ac. 2,10 : *Phrygiam*.

52 Ac. 16,6 : *Et Galatiam regionem*.

53 Ac. 16,7: *Cum venissent autem in Mysiam* e 16,8: *Cum autem pertransissent Mysiam*.

54 Ac. 2,9: *Pontum*.

55 Ac. 16,7: *Tentabant ire in Bithyniam*.

56 Ac. 2,10 : *Pamphylia*. e 27,5: *Et Pamphyliae navigantes*.

57 Ac. 27,5: *Et pelagus Ciliciae* e 15,41: *Et Ciliciam*.

58 Ac. 27,5: *Venimus Lystram, quae est Lyciae*.

59 Ac. 14,6: *Confugerunt ad civitates Lycaoniae Lystram, et Derben*.

60 Ac. 14,24: *Transeuntesque Pisidiam*.

61 Ac. 18,12: *Achaiae*. e 20,2: *Venit ad Graeciam*.

62 Ac. 18,5: *Cum venissent autem de Macedonia*.

63 Ac. 18,2: *Qui nuper venerat ab Italia*. E Ac. 27,1: *Ut autem iudicatum est navigare eum in Italiam*.

64 Rom. 15,24: *Cum in Hispaniam proficisci coepero*.

65 Ac. 2,10: *Aegyptum*.

66 Ibidem: *Quae est circa Cyrenen*.

67 Ibidem: *Et partes Libyae*.

68 Ac. 8,27: *Potens Candacis Reginae Aethiopum*.

69 Ac. 21,1: *Recto cursu venimus Coum*.

70 Ibidem: *Et sequenti die Rhodum*.

71 Ac. 20,14: *Venimus Mitylenen*.

72 Ac. 16,11: *Recto cursu venimus Samothraciam*.

73 Ac. 27,7: *Adnavigavimus Cretae iuxta Salmonem* e Tt. 1,5: *Reliqui te Cretae*.

74 Ac. 27,16: *In insulam autem quandam decurrentes, quae vocatur Cauda*.

75 Ac. 15,39: *Navigaret Cyprum*.

76 Ac. 20,15: *Sequenti die venimus contra Chium*.

77 Ac. 28,1: *Tum cognovimus quia Melita insula vocabatur*.

78 Ap. 1,9: *Fui in insula, quae appellatur Patmos*.

79 Ac. 20,15: *Et alia applicuimus Samum*.

80 Ac. 28,12: *Et cum venissimus Syracusam*.

81 Lc. 10,30: *Ab Ierusalem in Iericho*.

82 Jo. 4,3-7: *Reliqui Iudaeam, et abbit iterum in Galilaeam. Oportebat autem eum transire per Samariam... fatigatus ex itinere...*

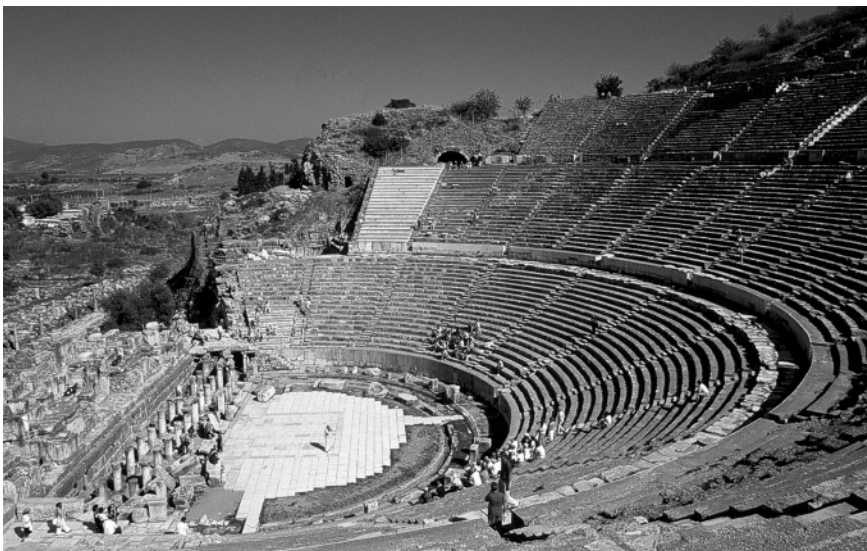
83 Ac. 9,3: *Et cum iter faceret, contigit ut appropinquaret Damasco*.

84 Ac. 23,31-33 : *Duxerunt per noctem in Antipatridem... Qui cum venissent Caesaream...*

85 Ac. 28,15: *Et sic venimus Romam. Et inde cum audissent frates, occurrerunt nobis usque ad Apii forum, ac tres Tabernas*.

86 Ac. 27,12: Porto de Fenice (Creta). Ac. 27,8: *Boniportus* (Creta). São também referidos, embora de forma indirecta, os portos de Tiro (Ac. 21, 3-7), de Sídon (Ac. 27,3), de Tróade (Ac. 16, 11), de Filipos (Ac. 20,6), de Pátara (Ac. 21,1), de Siracusa (Ac. 28,12), de Régio de Calábria (Ac. 28, 13) e de Putéolos (Ac. 28,13).

87 Como o entre Adramítio e as costas da Ásia Menor (Ac. 27,2) e entre Alexandria e Roma, com a referência a dois barcos alexandrinos (Ac. 27,6 e 28, 11).



Teatro de Éfeso, referido em Ac. 19, 29-40. Foto de J. C. Vieira da Silva

## O URBANISMO

O urbanismo no sentido estrito é uma conquista do mundo clássico, na medida em que exige um fundamentado planeamento prévio da implantação da cidade no local mais estratégico, funcional e saudável de um determinado território, tendo presente, logo de início, as vitruvianas *regionum constitutiones*, ou seja, a questão da orientação solar e da exposição ao sistema local de ventos<sup>88</sup>.

Toda a cidade clássica é amuralhada, seja porque já o era como opido pré-romano, seja porque, romanizada ou construída *ex nouo* com a garantia da *Pax romana*, precisava das muralhas como linha delimitadora do pomério<sup>89</sup> e como realce do estatuto urbano, ou seja, honorificamente, sem todavia jamais perder a perspectiva da defesa no caso de alteração da paz. Esta perspectiva ressalta também no Evangelho de São Lucas onde, sem se referirem objectiva-

mente as muralhas, se profetiza a abertura de uma trincheira em torno de Jerusalém<sup>90</sup>. As muralhas surgem-nos explicitamente referidas na cidade de Damasco<sup>91</sup>, deduzindo-se da narrativa que eram altas e fortes. Mas surgem-nos também supostas sempre que se fala das portas ou de outras estruturas ligadas às fortificações. Em Jerusalém citam-se os *castra*<sup>92</sup>, zona sobre-elevada com degraus<sup>93</sup>, funcionando como fortaleza ou *praesidium* militar com a guarnição de uma coorte sob o comando de um tribuno. Toda a cidade tem as suas portas como ponto de referência fundamental e integradas na fortificação. É o caso das cidades de Naim<sup>94</sup>, de Listra<sup>95</sup>, de Filipos<sup>96</sup> e de Damasco<sup>97</sup>. Em Jerusalém haveria uma Porta chamada das Ovelhas<sup>98</sup>.

É, todavia, no Apocalipse que a cidade ideal clássica nos aparece em paralelo com a imagem da cidade ideal cristã, com a sua muralha alta e grande, tendo doze portas<sup>99</sup> distribuídas em grupos de três em cada um dos lados, uma vez que se encontra *in quadro posita*<sup>100</sup>. A sua planta é, pois, quadrangular, sendo cada um dos lados voltado, respectivamente, para Norte, Sul, Este e Oeste<sup>101</sup>. Esta cidade ideal do Apocalipse não é mais do que a cidade de traçado hipodâmico reforçada pelo tipo de orientação trazido pela cidade-*castrum* etrusco-italica, bem conhecida pelo apóstolo João nas suas andanças pela Ásia helenístico-romana. A cidade romana, em aperfeiçoamento da hipodâmica, acusa uma ortogonalidade orientada pela chamada linha decumana, definida pelo nascer do sol no momento da sua instauração. É ela que serve de refe-

<sup>90</sup> *Vallum*, Lc. 19,43.

<sup>91</sup> *Murum*, Ac. 9,25.

<sup>92</sup> Ac. 21,34: *Iussit duci eum in castra*.

<sup>93</sup> Ac. 21,35: *Et cum venisset ad gradus...*

<sup>94</sup> *Portae civitatis*, Lc. 7,12.

<sup>95</sup> *Ante Ianuas*, Ac. 14,13.

<sup>96</sup> *Foras portam*, Ac. 16,13.

<sup>97</sup> *Portae*, Ac. 9,24.

<sup>98</sup> *Probatia (porta)* Jo. 5,2.

<sup>99</sup> Ap. 21,12: *Et habebat murum magnum, et altum, habentem portas duodecim*.

<sup>100</sup> Ap. 21,16: *Et civitas in quadro posita est*. Aqui acentue-se a divergência com a cidade vitruviana, cuja planta não deveria ser quadrada nem com ângulos salientes mas em circuito, para que, numa perspectiva de defesa, o inimigo pudesse, ao aproximar-se, ser visto de vários lados (Vitruvius, *De Architectura*, I, V, 2).

<sup>101</sup> Ap. 21, 13: *Ab Oriente portae tres: et ab Aquilone portae tres: et ab Austro portae tres: et ab Occasu portae tres*.

<sup>88</sup> Vitruvius, *De Architectura*, IV, V, 2.

<sup>89</sup> Espaço envolvente da cidade clássica onde não se podia enterrar ou cremar os cadáveres, nem tão pouco supliciar os condenados. Também por isso Jesus Cristo foi crucificado fora de portas: *extra portam passus est* (Hb. 13,12).

rente a João no seu sonho na Ilha de Patmos, pois a cidade que descreve não precisa de sol nem de lua, pois Deus é quem a ilumina<sup>102</sup>.

Os aglomerados urbanos encontram-se continuamente presentes nos textos neotestamentários<sup>103</sup> como aglutinadores e dinamizadores da vida económica, social e religiosa do tempo em que foram escritos. Os Apóstolos deslocam-se “de cidade em cidade”<sup>104</sup>. Tiago refere o acto de ir a uma cidade comerciar<sup>105</sup> e os Apóstolos começam por estabelecer presbíteros, ou seja, igrejas organizadas, nas cidades<sup>106</sup>. A cidade surge também com o seu território, onde se identificam e distinguem *Castella*<sup>107</sup>, *Vici*<sup>108</sup> e, como veremos à frente, *Villae*<sup>109</sup>.

A marcação das ruas enquadra-se também no quotidiano da cidade. Encontramos indicação dos seus extremos ou encruzilhadas<sup>110</sup>. Em outros locais referem-se praças<sup>111</sup>, também existentes na cidade ideal do Apocalipse<sup>112</sup>. São Mateus refere uma praça como *forum*<sup>113</sup>, se bem que, como nas restantes terminologias, tenhamos de ver aqui o crivo linguístico e cultural de São Jerónimo. Em Damasco, segundo os Actos dos Apóstolos, existia uma rua chamada Direita<sup>114</sup>. O *macellum*<sup>115</sup>, espaço exclusivamente de comércio dentro da cidade, normalmente em complemento do *forum*, assim como os *carceres*, *tribunalia* e respectivos *auditoria*, de que falaremos à frente, são também objecto de citação.

102 Ap. 21, 23: *Et civitas non eget sole, neque luna ut luceant in ea, nam claritas Dei illuminavit eam*.

103 Mt. 4,13, 5,14 e 8,33; Mc. 6,56; Lc. 4,29 e 8,1; Ac. 12,10.

104 *De civitate in civitatem*, Mt. 23,34. *Per omnes civitates*, Ac. 20,23.

105 *Crastino ibimus in illam civitatem...et mercabimur*, Tg. 4,13.

106 *Et constituas per civitates presbyteros*, Tit. 1,5.

107 Pequenas aldeias ou povoações fortificadas. Mt. 10,11 e 14,15; Lc. 9,12. Betânia, por exemplo, onde moravam Lázaro, Marta e Maria, era um *castellum* (Lc. 10,38).

108 Pequenos lugares habitados com várias casas. Mc. 6,56 e Lc. 8,1. Por vezes, como noutros textos da Antiguidade, surge no sentido de rua com casas (Ac. 9,11 e 12,10).

109 No sentido com que nos aparecem aqui, são unidades de produção agrícola tendo como infraestrutura uma construção rural (Mc. 6,36 e 6,56), ou de apoio à produção pecuária (Lc. 15,15).

110 *Ite ergo ad exitus viarum*, Mt. 22,9.

111 *Plateae*, Mt. 6,2, 6,5, 11,6, 20,3 e Mc. 6,56 e 7,4; Lc. 7,32 e 10,10. É evidente que, sendo a Vulgata da Antiguidade Tardia, o sentido vitruviano de *platea* nos apareça aqui já transformado.

112 Ap. 22,1: *In medio plateae eius*.

113 Mt. 20,3: *Vidit alios stantes in foro otiosos*.

114 *Vade in vicum, qui vocatur rectus*, Ac. 9,11.

115 *Omne, quod in macello vaenit, manducate*, 1 Cor. 10,25.

Na perspectiva romana, a exposição dos edifícios da cidade deveria ter em conta as linhas do *cardo* e do *decumanus*, definidas logo ao nascer do sol, e o alinhamento das ruas deveria ter em conta a incidência dos ventos em cada lugar. As referências ao sol<sup>116</sup>, à lua<sup>117</sup>, às estrelas<sup>118</sup>, assim como aos astros errantes<sup>119</sup> ou à estrela da manhã<sup>120</sup> testemunham também nos textos que vimos a analisar esta atenção dos antigos à *constitutio regionum*<sup>121</sup> e à astronomia. Por outro lado, a referência aos quatro ventos tem presente a ideia da orientação pelos quatro pontos cardeais. Os principais ventos, referidos *in genere* na Carta de São Judas<sup>122</sup>, aparecem identificados nos Actos dos Apóstolos (Áfrico, vento de poente de inverno ou sudoeste, Coro, vento noroeste, Austro, vento sul e Euroaquilão, vento de levante, aqui resultante da junção do Euro, vento sudeste, com o Aquilão, vento nordeste)<sup>123</sup> e no Evangelho de São Lucas (Austro)<sup>124</sup>. Lembremos que Vitruvius ligava o sistema da rosa dos ventos à traça da malha ortogonal das ruas da cidade romana<sup>125</sup>.

## ARQUITECTURA PÚBLICA RELIGIOSA

No contexto predominantemente urbano em que, desde o início, se move o avanço do Cristianismo dentro do Império romano, destaca-se nos textos que vimos seguindo sobretudo a arquitectura religiosa, a arquitectura civil e a arquitectura doméstica, com monumentos nas várias cidades romanizadas em continuação e aculturação com a arquitectura e urbanismo grego e helenístico. O sistema de medidas transparece na sua dimensão antropomórfica

116 Mt. 5,45 e 24,29; Lc. 23,45 e Ac. 27,20.

117 Mt. 24,29 e Ap. 21,23.

118 Mt. 2,9-11 e 24,29; Ac. 27,20.

119 *Sidera errantia*, Jd. 1,13.

120 *Lucifer*, II Ped. 1,19, *Stella matutina*, Ap. 2,28 e *Stella splendida, et matutina*, Ap. 22, 16.

121 Maciel, M.J., Vitruve et l'architecture paléochrétienne. Le cas paradigmatique des *regionum constitutiones*, *International Meeting «Vitruvius in ancient, medieval and modern age architectural culture»*, Genova, 2003, pp. 268-273.

122 Jd. 1,12: *Quae a ventis circumferuntur*.

123 *Respicientem ad Africum, et ad Corum* (Ac.27,12). *Aspirante autem Austro* (Ac. 27,13). *Qui vocatur Euroaquilo* (Ac. 27,14).

124 *Cum austrum flantem*, Lc. 12,55.

125 *De Architectura*, I,VI, 4-6.



Construções romanas em Putéolos, junto ao porto referido em Ac. 28, 13-14. Foto do autor.

na relação com o corpo humano, também aqui se nos revelando o Homem como medida de todas as coisas. Destacam-se as claras referências ao pé<sup>126</sup>, ao passo<sup>127</sup> e ao côvado<sup>128</sup>.

Não se regista ainda uma arquitectura cristã, até porque os textos negam por princípio a possibilidade de um tal tipo de arquitectura, logo quando Cristo disse à Samaritana que não era nem em Jerusalém nem no Monte da Samaria que se deveria rezar mas em espírito e em verdade<sup>129</sup>, ou seja, sem a obrigatória associação a um espaço construído ou humanizado. Nos Actos se afirma que Deus não habita em santuários construídos pela mão dos homens<sup>130</sup>. Do mesmo modo, no Apocalipse, João não viu qualquer templo na Jerusalém Celeste, porque Deus era o seu templo<sup>131</sup>. Há referência, porém, a

três tipos de arquitectura religiosa: a do Templo de Jerusalém, a dos locais de reunião e de oração judaica (sinagoga e “proseuca”) e a dos deuses do panteão greco-romano.

O Templo de Jerusalém, ornado de belas pedras e ofertas<sup>132</sup>, aparece-nos citado muitas vezes, seja com o seu *pinnaculum*<sup>133</sup>, seja com as suas construções em pedra<sup>134</sup>, o seu *altare* para holocaustos, hóstias e oblações<sup>135</sup>, o seu altar de incenso<sup>136</sup>, o seu santuário<sup>137</sup> e o seu véu<sup>138</sup>. Tinha um espaço anexo onde se juntavam cambistas e vendedores de pombas<sup>139</sup> e mesmo até de ovelhas e de bois<sup>140</sup> para os sacrifícios. Damo-nos conta do seu interior e exterior<sup>141</sup>, das suas portas<sup>142</sup>, de uma chamada *Porta Speciosa*<sup>143</sup>, e de um Pórtico, dito de Salomão<sup>144</sup>.

Por seu lado, a sinagoga revela-se-nos através destes textos como o lugar por excelência onde Cristo e os Apóstolos se dirigem quando chegam a uma cidade. Se desde o início se manifestou imperativo o anúncio da Boa Nova de cidade em cidade – foi essa a resposta de Jesus aos habitantes de Cafarnaum quando estes o queriam, por assim dizer, só para eles<sup>145</sup> – a sinagoga foi normalmente o lugar do primeiro anúncio. Os Evangelistas afirmam que Cristo espalhou a sua mensagem pelas sinagogas da Galileia<sup>146</sup>, sendo a primeira a da sua terra natal, Nazaré<sup>147</sup>, e da Judeia<sup>148</sup>. Mas também fora da Palestina os

<sup>132</sup> *Bonis lapidibus et donis ornatum*, Lc. 21,5.

<sup>133</sup> Mt. 4,5 e Lc. 4,9.

<sup>134</sup> *Aedificationes*, Mt. 24,1, Mc. 13,1 e Lc. 21,5.

<sup>135</sup> Heb. 10,8.

<sup>136</sup> Lc. 1,11: *Stans a dextris altaris incensi*.

<sup>137</sup> *Sancta*, Heb. 13,11.

<sup>138</sup> *Velum templi*, Mt. 27,51, Mc. 15,38 e Lc. 23,45.

<sup>139</sup> Mt. 21,12 e Mc. 11, 15.

<sup>140</sup> Jo. 2,14.

<sup>141</sup> Lc. 1,9-10 e Ac. 21,29-30.

<sup>142</sup> *Ianuae*, Ac. 21,30.

<sup>143</sup> Ac. 3,2: *Ad portam templi, quae dicitur Speciosa*. Ac. 3,10: *Sedebat ad Speciosam portam templi*.

<sup>144</sup> Jo. 10,23: *In templo, in porticu Salomonis*. Ac. 3,11: *Ad porticum, quae appellatur Salomonis*. Ac. 5,12: *Omnes in porticu Salomonis*.

<sup>145</sup> Lc. 4,43: *Quia et aliis civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei*.

<sup>146</sup> Lc. 4,14-15: *In Galilaeam...in synagogis eorum*.

<sup>147</sup> Lc. 4,16.

<sup>148</sup> Lc. 4,44.

<sup>126</sup> *Pes*, Ac. 7,5.

<sup>127</sup> *Passus*, Mt. 5,41.

<sup>128</sup> *Cubitum*, Mt. 6,27 e Ap. 21,17.

<sup>129</sup> Jo. 4,21: *Neque in monte hoc, neque in Ierosolymis*.

<sup>130</sup> *Non in manufactis templis habitat*, Ac. 17,24.

<sup>131</sup> *Et templum non vidi in ea. Dominus enim Deus omnipotens templum illius est, et Agnus*. Ap. 21,22.

Apóstolos se dirigem em primeiro lugar às sinagogas, sendo referidas designadamente as de Salamina<sup>149</sup>, em Chipre, de Icónio<sup>150</sup>, de Antioquia da Pisídia<sup>151</sup>, de Atenas<sup>152</sup>, de Corinto<sup>153</sup>, de Tessalónica<sup>154</sup>, de Bereia<sup>155</sup>, de Tróade<sup>156</sup>, de Éfeso<sup>157</sup> e de Damasco<sup>158</sup>. Pouco ou quase nada nos é dito sobre a arquitectura exterior e interior destes edifícios, numa fase em que predominaria mais a funcionalidade do que uma forma ou planta específica. Mesmo assim, há referências à reunião nesses edifícios de homens e mulheres<sup>159</sup> e à existência de assentos para o orador e para os ouvintes<sup>160</sup>, assim como do rolo da Lei<sup>161</sup>, o que pressupõe mobiliário de suporte. A sinagoga de Cafarnaum foi edificada e oferecida por um centurião romano<sup>162</sup>, o que demonstra que a região sofreu um processo normal de romanização, quer pelo natural respeito dos romanos pelas religiões indígenas, neste caso o Judaísmo, quer pela prática do evergetismo. Em Filipos, a reunião dos judeus fazia-se numa *proseucha* ou lugar de oração junto ao rio, onde se juntavam as mulheres<sup>163</sup>. Esta palavra parece ter um sentido mais alargado do que sinagoga, embora em grego as palavras sejam praticamente sinónimas. Mas, como acontecerá com a palavra *ecclesia*, a palavra sinagoga também significa de início o acto de reunião e não o edifício ou lugar onde tal verifica. O mesmo acontece com a palavra *proseucha*, presente no texto original grego, que São Jerónimo traduz por *oratio*, e que tanto podia significar o acto da oração como o lugar ou construção onde ela se verificava.

<sup>149</sup> Ac. 13,5.

<sup>150</sup> Ac. 14,1.

<sup>151</sup> Ac. 13,14.

<sup>152</sup> Ac. 18,18.

<sup>153</sup> Ac. 18,4.

<sup>154</sup> Ac. 17,1.

<sup>155</sup> Ac. 17,10.

<sup>156</sup> Ac. 16,11.

<sup>157</sup> Ac. 19,1.

<sup>158</sup> Ac. 9,20.

<sup>159</sup> Lc. 13,11.

<sup>160</sup> Lc. 4, 20: *Et cum plicuisset librum, reddidit ministro, et sedit. Ac. 13,14 : Et ingressi synagogam die sabbatorum, sederunt.*

<sup>161</sup> Ibidem.

<sup>162</sup> Lc. 7,5 : *Et synagogam ipse aedificavit nobis.*

<sup>163</sup> Ac. 16,13 : *Foras portam iuxta flumen, ubi videbatur oratio (gr. proseuchên) esse : et sedentes loquebamur mulieribus, quae convenerunt.*

Não conseguimos, todavia, ver nos textos o contexto urbano da sinagoga, para além de nos ser dito que, em Corinto, Paulo entrou numa casa contígua a um destes edifícios<sup>164</sup>.

Finalmente, algumas indicações sobre a arquitectura religiosa greco-romana e sobre os deuses nela venerados, ou seja, sobre o culto tradicional e oficial do Império, bem documentado na passagem dos Actos sobre o então conhecidíssimo templo de Ártemis em Éfeso<sup>165</sup>, de que se faziam pequenos templetes em prata<sup>166</sup>, que eram comercializados por um ourives chamado Demétrio e seus *artifices*<sup>167</sup>. A ideia de sacrifício, tanto no mundo greco-romano, referido nos textos como entre as *Gentes*<sup>168</sup>, como no contexto judaico, era sempre associada a um *templum*, *altare* ou espaço sagrado. O culto aos deuses dos chamados gentios é suposto sempre que se nos reportam as carnes sacrificadas aos ídolos, referidas como *idolothyta*<sup>169</sup>, provenientes do que chamam mesas dos demónios<sup>170</sup>, designação que jogava entre a concepção hebraica dos anjos caídos e a seriação greco-romana dos deuses menores. Mas a sua melhor expressão manifesta-se quando, em Listra, um sacerdote de Júpiter se prepara para conduzir touros com grinaldas (*coronae*) para um sacrifício em honra de Júpiter e de Mercúrio, que julgava encarnados, respectivamente, em Barnabé e Paulo<sup>171</sup>. Paulo foi conotado com Hermes/Mercúrio porque era ele que tomava a palavra<sup>172</sup>. Outros deuses aparecem citados *in genere*. Castor e Pólux, os Dióscoros, surgem como insígnia de um barco que fazia a travessia do Mediterrâneo<sup>173</sup>. Outros aparecem supostos, como Apolo, quando se fala de uma mulher que possuía um espírito de Píton<sup>174</sup>.

Imagens dos deuses do panteão greco-romano são observadas pelo

<sup>164</sup> Ac. 18,7: *Cuius domus erat coniuncta synagogae.*

<sup>165</sup> *Dianae templum*, Ac. 19,27.

<sup>166</sup> *Aedes argenteae Dianae*, Ac. 19,24.

<sup>167</sup> *Demetrius... argentarius... prestabat artificibus non modicum quaestum*, Ac. 19,24.

<sup>168</sup> Ac. 28,28 e I Cor. 10,20.

<sup>169</sup> Ap. 2,20.

<sup>170</sup> *Mensae daemoniorum*, I Cor. 10,21.

<sup>171</sup> Ac. 14,13.

<sup>172</sup> *Quoniam ipse erat dux verbi*, Ac. 14,12.

<sup>173</sup> *In navi Alexandrina... cui erat insigne Castorum*, Ac. 28,11.

<sup>174</sup> Ac. 16,16: *Puelam quandam habentem spiritum pythonem obviare nobis.*

Apóstolo Paulo em Atenas, que ele classificará de estátuas mudas<sup>175</sup>. A constatação destes *simulachra* e respectivas aras permitirá ao Apóstolo fazer a ponte entre a religião politeísta e o Cristianismo quando localiza uma ara dedicada a um *Ignotus Deus*<sup>176</sup>, por ele identificado como o Deus dos cristãos. Falando de Jesus Cristo e da Ressurreição, os ouvintes, entre os quais se encontravam filósofos epicuristas e estóicos<sup>177</sup>, consideravam que Paulo lhes propunha a crença em deuses novos, *noua daemonia*<sup>178</sup>.

Constatamos que o Novo Testamento refere a existência de altares, seja na religião greco-romana<sup>179</sup>, seja no judaísmo<sup>180</sup>, seja no cristianismo<sup>181</sup>. Mas neste último caso, referido na Carta aos Hebreus, o termo surge num sentido figurado, pois sabemos que, no início, e em todo o paleocristianismo, o altar cristão será sobretudo uma mesa, em contexto de *triclinium*, com os participantes reclinados em leito, pois é esse o sentido dos verbos *discumbo*, na narrativa da Última Ceia<sup>182</sup>, *recumbo*, no episódio de Emaús<sup>183</sup>, e até *conuenio*, numa reunião de Paulo e Lucas com os cristãos de Tróade, associados ao acto da fracção do pão<sup>184</sup>. Esta última referência é também importante porque, pela primeira vez, se afirma explicitamente que a reunião para a fracção do pão decorria no primeiro dia da semana, futuramente conhecido por Dia do Senhor, *Dominicus Dies*, ou Domingo<sup>185</sup>.

Os três tipos de arquitectura referidos enquadram-se numa gestão de espaços e de liturgias garantidas por funcionários religiosos ou administrativos, cujo registo também pode aqui ser feito, dada a sua ligação activa com estes contextos edificadas. No Templo de Jerusalém, os pontífices<sup>186</sup>, sacerdotes<sup>187</sup>, magistrados do Templo<sup>188</sup>, levitas<sup>189</sup> e juristas<sup>190</sup>. Nas sinagogas, o arquissina-



Forum de Roma, cidade referida em Ac. 28, 16-31. Foto do autor.

gogo<sup>191</sup>, o ministro<sup>192</sup> e o chefe da sinagoga<sup>193</sup>. No contexto dos templos greco-romanos, um sacerdote de Júpiter, já citado<sup>194</sup>. E no âmbito da nova atitude religiosa, embora ainda sem uma arquitectura específica, se bem que já se fale de um *altare* cristão, que era a *mensa* de refeição em contexto doméstico<sup>195</sup>, temos já a alusão a bispos<sup>196</sup>, presbíteros<sup>197</sup> e diáconos<sup>198</sup>.

<sup>175</sup> *Simulachra muta*, I Cor. 12,2.

<sup>176</sup> *Inveni et aram, in qua scriptum erat: IGNOTO DEO*. Ac. 17,23.

<sup>177</sup> *Epicurei, et Stoici philosophi disserebant cum eo*, Ac. 17,18.

<sup>178</sup> *Ibidem*.

<sup>179</sup> *Ara*, Ac. 17,23.

<sup>180</sup> *Altare*, Mt. 23,18 e Lc. 1,11.

<sup>181</sup> *Habemus altare*, Heb. 13,10.

<sup>182</sup> *Discubuit... et accepit calice gratias, egit, et fregit ... in mensa*, Lc. 22,14-21.

<sup>183</sup> *Dum recumberet cum eis, accepit panem...ac fregit*, Lc. 24,30.

<sup>184</sup> *Cum convenissemus ad frangendum panem*, Ac. 20,7.

<sup>185</sup> *Una autem Sabbati*, o dia a seguir ao Sábado, *Ibidem*.

<sup>186</sup> *Pontifices*, Jo. 18,35 e Heb. 5,1.

<sup>187</sup> *Sacerdotes*, Mt. 27,1 e Lc. 10,31.

<sup>188</sup> *Magistratus Templi*, Lc. 22,52.

<sup>189</sup> *Levita*, Lc. 10,32.

<sup>190</sup> *Legisperitus*, Lc. 10,25.

<sup>191</sup> *Archisynagogus*, Ac. 18,8.

<sup>192</sup> *Ministrum*, Lc. 4,20.

<sup>193</sup> *Princeps synagogae*, Ac. 18,17.

<sup>194</sup> *Sacerdos*, Ac. 14,13.

<sup>195</sup> *Mensa Domini*, I Cor. 10,21.

<sup>196</sup> *Episcopi*, Tit. 1,7 e I Tim. 3,2.

<sup>197</sup> *Presbyteri*, Ac. 14,23 e Tit. 1,5.

<sup>198</sup> *Diaconi*, I Tim. 3,8.



## ARQUITECTURA PÚBLICA CIVIL

O *forum*, praça cívica, religiosa, comercial e jurídica do mundo romano, aparece mais de uma vez citado, dando conta de que, sendo ele o ponto de encontro dos cidadãos do Império, tinha um cariz fundamentalmente urbano. Em cada cidade é também o lugar onde se dirigem os primeiros pregadores cristãos, seja para anunciar o seu *kerigma* e fazerem prosélitos, seja por aí serem levados perante a justiça do Império. Um dos *fora* referenciados é o de Filipos, na Macedónia<sup>199</sup>. A importância desta praça seria muito grande, dado o estatuto assumido pela cidade com a romanização. Além de ser a principal cidade da Macedónia, possuía também a categoria administrativa de colónia romana<sup>200</sup>. É ao seu *forum* que Paulo e Silas são levados coercivamente perante as autoridades<sup>201</sup>. É no contexto deste *forum* que eles são açoitados e depois metidos no cárcere<sup>202</sup>, onde ficam sob a vigilância de um guarda<sup>203</sup> que lhes põe os pés no cepo<sup>204</sup> e cadeias<sup>205</sup>. Este cárcere era um edifício autónomo, pois são referidos os seus alicerces, entradas e portas<sup>206</sup>. Outro cárcere também em parte descrito é o de Jerusalém, mas este dependente de Herodes e não da autoridade romana. O rei mandou prender Pedro com cadeias<sup>207</sup> no cárcere<sup>208</sup>, de que se refere a cela ou *habitaculum*<sup>209</sup>, primeira e segunda guarda<sup>210</sup>, bem como a *porta ferrea*<sup>211</sup> que dava para uma rua da cidade<sup>212</sup>.

Outro *forum* citado é o de Atenas, também importante porque continuando as funções da antiga ágora, que é aliás o termo usado no texto gre-

go<sup>213</sup>. A narração diz-nos que Paulo ali se dirigia todos os dias, discutindo com os filósofos epicuristas e estóicos, que o levaram com eles ao próprio Areópago<sup>214</sup>, o tribunal tradicional de Atenas.

O edifício público que mais se cita, embora nem sempre seja clara a sua normal relação com o *forum*, é o *tribunal*, o que tem a ver, sem dúvida, com os problemas sociais, religiosos e jurídicos que o cristianismo levantou. Surge, de facto, seja no contexto judaico, onde aparece sob a designação de *concilium*<sup>215</sup>, seja no contexto romano, que generalizou a palavra hoje em uso. Em Jerusalém, o tribunal romano é associado à residência do governador ou *praeses*. Os evangelistas ora lhe chamam *tribunal*, ora *praetorium*, dada a conotação com a função judicial tradicional dos pretores romanos<sup>216</sup>. Segundo Marcos, o pretório tinha um átrio<sup>217</sup> e, segundo João, Pilatos saiu “para fora e sentou-se em tribunal, no lugar chamado *lithostrotos*”<sup>218</sup>, ou seja num pátio revestido a mosaico ou a *opus sectile*<sup>219</sup>, lugar de onde podia ao mesmo tempo falar aos Judeus, os quais, por ser a Festa da Preparação da Páscoa, não podiam entrar dentro do Pretório, para não se contaminarem<sup>220</sup>. O governador é, assim, obrigado a entrar e a sair do pretório mais de uma vez, o mesmo acontecendo com Jesus, seja para este ter uma conversa privada com o *praeses*, seja para ser açoitado no interior. Há, assim, neste tribunal romano, que aqui surge mais constituído *ad hoc* do que funcionando num edifício específico, e que a existir surgiria normalmente integrado num contexto de basílica civil, uma interacção de cinco movimentos entre interior e exterior; entre dentro e fora<sup>221</sup>. Mas S. Mateus distingue *tribunal* de *praetorium*<sup>222</sup>. Segundo ele, Jesus é julgado no tribunal e açoitado no pretório.

Em Cesareia, por sua vez, Paulo é mantido preso no *praetorium* chamado de Herodes<sup>223</sup>. Daqui é chamado pelo *praeses* Félix e depois pelo seu sucessor

199 *Perdixerunt in forum ad principes*, Ac. 16,19.

200 *Philippos, quae est prima partis Macedoniae civitas, colonia*, Ac. 16,12.

201 *Principes*, Ac. 16,19; *Magistratus*, Ac. 16, 20 e 22.

202 *Carcer*, Ac. 16,23.

203 *Custos*, Ibidem.

204 *Lignum*, Ac. 16,24.

205 *Vincula*, Ac. 16,26.

206 *Fundamenta... ostia ... ianuae*, Ac. 16,26-27.

207 *Catenae*, Ac. 12,6.

208 *Misit in carcerem*, Ac. 12,4.

209 *Lumen refulsit in habitaculo*, Ac. 12,7.

210 *Transeuntes autem primam et secundam custodiam*, Ac. 12,10.

211 *Venerunt ad portam ferream, quae ducit ad civitatem*, ibidem.

212 *Et exeuntes processerunt vicum unum*, ibidem.

213 Ac. 17,17: *En tê agorã*.

214 Ac. 17,19: *Et apprehensum eum ad Areopagum duxerunt*.

215 Mt. 10,17, Ac. 22,30 e 23,20.

216 Mt. 27,19 e Jo. 18,28.

217 *Duxerunt eum in atrium praetorii*, Mc. 15,16.

218 *Adduxit foras Iesum: et sedit pro tribunali, in loco, qui dicitur Lithostrotos*, Jo. 19,13.

219 Tipologia de revestimento de pavimentos ou paredes com recortes de placas (*crustae*) marmóreas.

220 Jo. 18,28.

221 Jo. 18,29 – 18,33 – 19,4 – 19,9 – 19,13.

222 Mt. 27,27.

223 Ac. 23,35: *Iussitque in praetorio Herodis custodiri eum*.

Pórcio Festo ao tribunal<sup>224</sup>, que o Apóstolo considera, como cidadão romano que era, um tribunal de César<sup>225</sup>. Este edifício continha ou estava situado num *auditorium*, no qual se descreve uma audiência presidida pelo governador romano e assistida por Herodes e pela rainha Berenice, assim como pelos tribunos e pelos homens principais da cidade<sup>226</sup>.

Outro tribunal citado, pela importância de quem a ele presidiu, o procônsul da Acaia, Galião, é o de Corinto. Também aqui uma queixa de Judeus em relação a Paulo levou a que fosse aberta audiência. Todavia, o procônsul disse recusar-se a ser juiz em questões que tinham a ver com a lei moisaica, mandando sair toda a gente. Em consequência, verificou-se um tumulto no exterior do tribunal<sup>227</sup>. Será de interesse sublinhar aqui que a palavra que no texto grego surge para designar tribunal é *Bêma*, que significa plataforma, estrado, tribuna, o que nos ajuda a imaginar a configuração interior do espaço onde funcionavam estas audiências forenses. À medida que a romanização avançava também na arquitectura dos edifícios públicos urbanos, o tribunal foi-se integrando no edifício da basílica civil, no *forum*, sendo a este respeito claras as normas vitruvianas e os testemunhos arqueológicos. Todavia, reportando-se os textos neotestamentários à segunda metade do séc. I d. C., a localização dos *tribunalia* citados não estaria ainda necessariamente integrada em contextos tão claros, como aliás poderá acontecer com os cárceres, também tantas vezes citados<sup>228</sup> e que, segundo as recomendações vitruvianas, deveriam estar na zona do *forum*<sup>229</sup>.

## A DOMUS

Dado o contexto urbano em que o cristianismo prioritariamente se expande, é a *domus* que se destaca nas referências à arquitectura doméstica. A casa, porém, não é necessariamente a grande casa de estatuto ou *domus regis*,

expressão esta que nos surge duas vezes<sup>230</sup>. Será na maior parte das situações a simples casa mediterrânica e, na maior parte dos ambientes urbanos, o termo reportar-se-á simplesmente à *insula* de dois a três andares. Existe uma alusão a um edifício de residência que será uma *insula*, na cidade de Tróade. No seu terceiro andar havia um *coenaculum*<sup>231</sup> onde, após a celebração da eucaristia, o Apóstolo Paulo fez um discurso até à meia-noite, para o que essa sala dispunha de muitas lâmpadas<sup>232</sup>. O texto dos Actos fala-nos de uma janela (*fenestra*) nessa sala<sup>233</sup>, de onde caiu, desse terceiro andar<sup>234</sup>, um rapaz que ali se encostara e adormecera. A circunstância em que aqui nos aparece a palavra *coenaculum* corresponde à tradição romana que aponta este espaço como existente no(s) andar(es) superior(es) das casas, normalmente disponível pelo sistema de aluguer para reuniões, festas, banquetes, etc. A alusão ao terceiro andar identifica uma *insula*. Outras indicações dizem apenas respeito ao “andar de cima”, podendo essa ideia surgir tanto no contexto de uma *domus* como de uma *insula*, como é o caso do salão ou *oecus* onde Cristo, em Jerusalém, celebrou a Última Ceia com os seus discípulos. O aluguer ou empréstimo deste *coenaculum* foi contratado directamente com o dono da casa<sup>235</sup>, para que ali Jesus comemorasse a Páscoa. Os evangelistas dizem que este salão era grande e estava já preparado para a refeição<sup>236</sup>, supondo-se que o segundo adjectivo utilizado, *stratum*, indique a disposição dos leitos e das mesas. Nos Actos, verificamos que os Apóstolos, depois da Ascensão de Cristo, regressam a este *coenaculum*<sup>237</sup>, onde mais tarde também recebem o Espírito Santo<sup>238</sup>. Também aqui nos é dado um pormenor importante, que é o verbo *ascendo*<sup>239</sup>, utilizado para significar o acesso a este cenáculo que, como era normal, se encontrava sempre a um nível superior ao rés-do-chão. Por outro lado, na mesma passagem dos Actos nos é dito que, naqueles dias, chegaram a juntar-se nesse espaço

230 Mt. 11,8 e Lc. 7,25.

231 *In coenaculo, ubi eramus congregati*, Ac. 20,8.

232 *Erant autem lampades copiosae*, ibidem.

233 *Sedens... super fenestram*, Ac. 20,9.

234 *Cecidit de tertio coenaculo deorsum*, ibidem.

235 *Dominus domus*, Mc. 14,14; *Paterfamilias domus*, Lc. 22,11.

236 *Coenaculum grande, stratum*, Mc. 14,15; *Coenaculum magnum stratum*, Lc. 22,12.

237 *Et cum introissent in coenaculum*, Ac. 1,13.

238 *In eodem loco*, Ac. 2,1.

239 *Ascenderunt ubi manebunt*, Ac. 1,13.

224 Ac. 25,6 e 25,17.

225 Ac. 25,10: *Ad tribunal Caesaris sto, ibi me oportet iudicari*.

226 Ac. 25,23.

227 Ac. 18,17: *Percutiebant eum ante tribunal*.

228 Mt. 5,25 e 11,2; Lc. 3,20: *Et inclusit Ioannem in carcere* e 21,12; Ac. 5,18: *Et posuerunt eos in custodia publica* e II Tim. 2,8.

229 *De Architectura*, V, II, 1.

cerca de cento e vinte pessoas<sup>240</sup>, o que está de acordo com a indicação de que o salão era grande e amplo. Por outro lado, quando Jesus envia Pedro e João<sup>241</sup> a tratar dos preparativos da Páscoa e manda perguntar ao dono da *domus* qual o *coenaculum* que lhe serviria de lugar para celebrar a festa, a palavra utilizada para exprimir a utilidade que ia dar a esse local é de *refectio*<sup>242</sup> (aposento, repouso) e de *diversorium*<sup>243</sup> (hospedaria, estalagem, retiro). São Jerónimo traduz por estas diferentes palavras, em Marcos e Lucas, o termo grego comum aos textos dos dois, que é *katályma*, ou seja, hospedaria, albergue. O que significa que Jesus, chegado à cidade de Jerusalém, precisava de instalações amplas para se aboletar na cidade com os seus discípulos mais chegados, a fim de ali comemorar a Páscoa. E a prova é que foi ali que os Apóstolos permaneceram até à Festa do Pentecostes, funcionando assim o grande cenáculo não só como salão de refeições mas também como hospedaria.

Também a casa de Caifás teria um cenáculo, local onde se reuniu o tribunal do Sinédrio para julgar Cristo. Com efeito, enquanto tal acontecia, o texto diz que Pedro se encontrava em baixo, no átrio<sup>244</sup>. Os cenáculos também poderiam servir para a exposição dos corpos dos defuntos antes dos funerais, como se verificou no caso em que Pedro ressuscitou uma mulher chamada Dorcas, em Jope<sup>245</sup>.

As referências à arquitectura doméstica são, porém, mais vastas. Dispensamo-nos aqui de fazer um levantamento exaustivo, citando apenas as passagens que permitem perceber melhor, seja as partes da casa, seja a relação desta com outras informações de interesse para o nosso escopo. É-nos afirmado que a *domus* deve ser edificada sobre a rocha e não sobre a areia<sup>246</sup>. Possui alicerces<sup>247</sup> e uma porta ou entrada<sup>248</sup>. Tem um tecto<sup>249</sup>, telhas<sup>250</sup>, janelas<sup>251</sup>, quartos<sup>252</sup>

e respectivas portas<sup>253</sup>. Em casas de estatuto vislumbram-se triclinios ou salas de refeição que, embora nunca sejam referidas pelo seu nome, são documentadas pela alusão à *mensa*<sup>254</sup> e pela utilização do verbo *discumbo* (reclinar-se) após a entrada em casa<sup>255</sup>. Na casa do publicano Mateus reforça-se a ideia da *domus* romana com *triclinium*<sup>256</sup>. Do mesmo modo, regista-se a presença do *atrium*, seja genericamente numa casa de estatuto<sup>257</sup>, seja no caso concreto e já citado do átrio da casa de Caifás<sup>258</sup>, obviamente também uma casa de uma pessoa importante. A casa neotestamentária pode ter também um *hortum* ou jardim (*uiridarium*), sendo referida *in genere* a primeira acepção<sup>259</sup>. A referência explícita a casas de centuriões e outras autoridades romanas reforça a ideia da interacção da casa itálica e grega com a arquitectura doméstica tradicional palestinese.

## A VILLA

No que respeita à *Villa*, habitação independente rural ou suburbana, de exploração agrícola, pecuária ou simplesmente de *otium*, também os textos nos dão conta de importantes informações. As referências aos territórios das cidades<sup>260</sup> e ao campo, onde os servos lavravam ou apascentavam gado<sup>261</sup>, assim como aos proprietários rurais<sup>262</sup>, surgem-nos com evidente clareza. O território é descrito como sendo composto pela cidade e pelas *Villae*<sup>263</sup>.

250 *Tegulae*, Lc. 5,19.

251 *Fenestra*, Ac. 20,9.

252 *Cubicula*, Mt. 6,6, Lc. 12,3; *Cubilia*, Lc. 11,7.

253 *Ostia*, Mt. 6,6.

254 *Apposuit eis mensam*, Ac. 16,34.

255 *Discumbente eo in domo*, Mt. 9,10.

256 *Discumbebant cum Iesu*, ibidem.

257 *Cum fortis armatus custodit atrium suum*, Lc. 11,21.

258 Mt. 26,58, Mc. 14,54, Lc. 22,55 e Jo. 18,15.

259 *Homo misit in hortum suum*, Lc. 13,19.

260 *Fines*, Mt. 8,34.

261 *Servum arantem aut pascentem, qui regresso de agro...*, Lc. 17,7.

262 *Possessores agrorum*, Ac. 4,34.

263 *Nuntiaverunt in civitatem, et in villas*, Lc. 8,34.

240 Ac. 1,15: *Erat autem turba hominum simul, fere centum viginti*.

241 Lc. 22,8.

242 Mc. 14,14.

243 Lc. 22,11: *Et dicetis patrifamilias domus: dicit magister: ubi est diversorium, ubi pascha cum discipulis meis manducem?*

244 *Cum esset Petrus in atrio deorsum*, Mc. 14,66.

245 *Quam cum lavissent, posuerunt eam in coenaculo*, Ac. 9,37.

246 Mt. 7,24: *Aedificavit domum suam super petram*.

247 *Fundamenta*, Lc. 6,48.

248 *Ianua*, Mt. 26,71 e Ac. 10,17; *Ostium*, Lc. 11,7 e Jo. 18,16; *Ostium ianuae*, Ac. 12,13.

249 *Tectum*, Mt. 8,8, 10,27 e 24,17., Mc. 13,15.

Nem sempre, porém, a *Villa* nos é mostrada explicitamente como construção doméstica ou *fructuaria*, podendo em certos casos ser confundida com uma *possessio*, *praedium*, *fundus* ou até, simplesmente, *hortum*. Mas sabemos que todos estes termos tinham associados a si a ideia de um terreno mais ou menos vasto com uma construção para apoio à exploração agrícola ou pecuária. São Lucas, nos Actos, refere os *praedia* de um homem principal da ilha de Malta<sup>264</sup>, chamado *Publius*, onde foram bem recebidos Paulo e seus companheiros após um naufrágio. O Apóstolo visitou aí o pai do proprietário, que estava doente na cama, tendo-o curado. Embora não afirmado de forma explícita, vislumbra-se aqui uma *Villa*. Também na parábola do filho pródigo se afirma que este acaba por ir trabalhar para uma *Villa*<sup>265</sup> de um certo cidadão<sup>266</sup>, sendo a sua função guardar porcos<sup>267</sup>.

Muitos desses *praedia* rurais apostavam na produção de vinho, pelo que são simplesmente referidos nos textos evangélicos como vinhas, o que não impedia que tivessem outro tipo de produção como, por exemplo, de figueiras<sup>268</sup>, já então devidamente cavadas em volta e estrumadas<sup>269</sup>. É neste contexto que vemos o *paterfamilias* contratar *operarii* ou mandar os filhos trabalhar na sua vinha<sup>270</sup>. Estas duas últimas citações são de parábolas, mas estas imagens tinham, de facto, um referente nos *fundi* ou *possessiones* rurais conhecidos dos ouvintes de Cristo: eram circundadas por sebes ou cercas<sup>271</sup>, a ponto de se citarem apenas pelo nome de cercados<sup>272</sup>, tendo nelas edificadas torres<sup>273</sup> para residência ou defesa e instalados lagares<sup>274</sup> com os seus tanques<sup>275</sup>. Há também referência a celeiros<sup>276</sup> e a armazéns de trigo<sup>277</sup>, assim como a eiras<sup>278</sup> e a fornos

de cozer pão<sup>279</sup>. Estes prédios ou *Villae* eram muitas vezes arrendados pelo proprietário ou *paterfamilias* a agricultores<sup>280</sup>, colonos<sup>281</sup> ou simples cultivadores<sup>282</sup>. Ainda na linguagem das parábolas, vemos um convidado que não aceita ir a um banquete porque preferiu ir para a sua *Villa*<sup>283</sup> ou outro que também havia comprado uma e tinha necessidade de se ausentar para a ir ver<sup>284</sup>.

Estas *Villae* existiam, de facto, na apropriação, gestão e exploração dos espaços rurais do território palestinese, seja nas zonas suburbanas, como a propriedade suburbana de Getsémani, a que Marcos chama *praedium*<sup>285</sup> e Mateus *Villa*<sup>286</sup>, um dos lugares predilectos de Jesus, seja nas mais afastadas zonas rurais, em cujas *Villae* as multidões, que durante vários dias seguiam Cristo, poderiam comprar mantimentos, como também muito objectivamente nos é afirmado por São Marcos<sup>287</sup>.

## OUTRAS TIPOLOGIAS DE ARQUITECTURA

Há ainda outros tipos de arquitectura referidos nos textos neotestamentários. Desde uma *schola* em Éfeso<sup>288</sup>, onde Paulo discursou durante dois anos, até às estalagens nas cidades ou nos eixos viários. No ambiente das cidades, vemos a alusão à estalagem, chamada *diversorium*<sup>289</sup>, de Belém, e à casa de aluguer (*conductum*)<sup>290</sup> ou hospedaria (*hospitium*)<sup>291</sup> onde Paulo se instalou

277 *Horrea*, Mt. 3,12; 6,26; 13,30. Lc. 3,17; 12,18 e 12,24.

278 *Areae*, Mt. 3,12 e Lc. 3,17.

279 *Clibani*, Mt. 6,30 e Lc. 12,28.

280 *Agricolae*, Mc. 12,1.

281 *Coloni*, Mc. 12,9.

282 *Cultores*, Lc. 13,7.

283 Mt. 22,5: *Et abierunt, alius in villam suam.*

284 Lc. 14,18: *Villam emi, et necesse habeo exire et videre illam.*

285 Mc. 14,32: *Et veniunt in praedium, qui nomen Gethsemani.*

286 Mt. 26,36: *Tunc venit Iesus cum illis in villam, quae dicitur Gethsemani.*

287 Mc. 6,36: *Ut euntes in proximas villas, et vicos, emant sibi cibos.*

288 Ac. 19,9: *Quotidie disputans in schola tyranni cuiusdem.*

289 Lc. 2,7: *Et reclinavit eum in praesepio: quia non erat eius locus in diversorio.* A referência ao *praeseipium* (mangedoura) poderá referir a parte baixa da estalagem, onde se guardavam os animais.

290 Ac. 28,30: *Mansit autem biennio toto in suo conducto.*

291 Ac. 28,23: *Venerunt ad eum in hospitium plurimi.*

264 *Princeps insulae*, Ac. 28,7.

265 *Misit illum in villam suam*, Lc. 15,15.

266 *Uni civium regionis illius*, ibidem.

267 *Ut pasceret porcos*, ibidem.

268 *Arborem fici habeat quidam plantatam in vinea sua*, Lc. 13,6.

269 *Usque dum fodiam circa illam, et mittam stercora*, Lc. 13,8.

270 *Conducere operarios in vineam suam*, Mt. 20,2; *Fili, vade hodie, operare in vinea mea*, 21,28.

271 *Homo erat paterfamilias, qui plantavit vineam, et sepem circumdedit ei*, Mt. 21,33 e Mc. 12,1.

272 *Exi in vias, et sepes*, Lc. 14,23. Esta expressão dá conta de uma rede de vias ou caminhos ligando estas explorações rurais.

273 *Et aedificavit turrim*, Mt. 21,33 e Mc. 12,1.

274 *Et fodit in ea torcular*, Mt. 21,33..

275 *Et fodit lacum*, Mc. 12,1; *Et misit in lacum*, Ap. 14,19.

276 *Cellaria*, Lc. 12,24.



Entrada do Cárcere junto ao *Forum* de Roma, conhecido por Prisão Mamertina, do séc. I d.C. Foto do autor.

em Roma sob a vigilância de um soldado<sup>292</sup>. Como apoio aos viajantes nas estradas, cita-se uma estação de muda, dita *stabulum*<sup>293</sup>, na estrada que ia de Jerusalém a Jericó e que, segundo São Lucas, tinha um funcionário chamado *stabularius*<sup>294</sup>. Citam-se também duas eventuais *stationes* na via *Puteoli-Roma*, com os nomes de *Tres Tabernae* e *Aprii Forum*<sup>295</sup>.

A arquitectura portuária também é referida quando se diz que o *portus* de Fenice, em Creta, se encontrava bem localizado em relação aos ventos aí dominantes, o *Áfrico* e o *Coro*<sup>296</sup>. No mesmo contexto, poderíamos fazer um levantamento interessante de termos concernentes à arquitectura naval, sobretudo na roteiro da viagem marítima com naufrágio, descrita em pormenor por São Lucas no seu itinerário de Cesareia para Roma<sup>297</sup>, acompanhando São Paulo. Encontram-se também presentes os *mirabilia aquarum*, seja na alusão a piscinas, como a que São João chama de *probatrica piscina*, com cinco pórti-

cos<sup>298</sup>, a poços<sup>299</sup>, fontes<sup>300</sup>, bicas de água<sup>301</sup> e mobiliário ou objectos associados, como talhas de pedra<sup>302</sup>, ânforas<sup>303</sup>, cântaros<sup>304</sup>, jarros<sup>305</sup>, bacias<sup>306</sup> e vasos de barro<sup>307</sup> ou de metal<sup>308</sup> e copos<sup>309</sup>.

A arquitectura industrial transparece aqui e ali, designadamente num sentido alegórico mas com base em construções então existentes, como os fornos de fundir metais (*caminus*)<sup>310</sup> e fornalhas (*fornax*)<sup>311</sup>.

Finalmente, a arquitectura do espectáculo, que nos é trazida como imagem do quotidiano dos jogos do Império romano para o combate travado pelos primeiros cristãos, ou como referência a um edifício concreto. No primeiro caso, regista-se o estádio (*stadium*)<sup>312</sup> e o *agon*<sup>313</sup>, lugar onde se realizavam os jogos públicos, mas que poderá ser identificado com a arena do *amphitheatrum*, edifício de solução romana que nessa altura ensaiava os primeiros passos de instauração através do Império. No segundo caso, temos uma referência ao *Theatrum* de Éfeso, construção grega que sofreu as alterações típicas do teatro romano e que ainda hoje podemos visitar. Os Actos dizem-nos que, com receio de que diminuísse o negócio que faziam com os ex-votos em honra da deusa Ártemis/Diana, cujo templo na cidade era considerado uma das sete maravilhas do mundo, os artistas locais provocaram um tumulto na cidade contra Paulo, ao som do grito: *Grande é a Ártemis dos Efésios*<sup>314</sup>. Contam os

298 Jo. 5,2: *Est autem Ierosolymis Probatrica piscine, quae cognominatur Hebraice Bethesda, quinque porticus habens.*

299 Lc. 14,5: *In puteum cadet.* Jo. 4,12: *Qui dedit nobis puteum.*

300 Jo. 4,6: *Sedebat sic supra fontem.* Tg. 3,11: *Numquid fons de eodem foramine emanat dulcem.*

301 *Foramina*, Tg. 3,11.

302 *Lapideae hydrae*, Jo. 2,6.

303 *Amphorae*, Lc. 22,10.

304 *Hydria*, Jo. 4,28.

305 *Urcei*, Mc. 7,8.

306 *Pelvis*, Jo. 7,8.

307 *Vas figuli*, Ap. 2, 27.

308 *Aeramenta*, Mc. 7,4.

309 *Calices*, Mt. 23,25 e Mc. 7,8. Mt. 10,42: *Calix aquae frigidae.*

310 Ap. 1,15: *Sicut in camino ardenti.*

311 Ap. 9,2: *Sicut fumus fornacis magnae.*

312 I Cor. 9,24: *Qui in stadio currunt.*

313 I Cor. 9,25: *Qui in agone contendit.*

314 Ac. 19, 29-32: *Et impetum fecerunt uno animo theatrum... eum rogantes ne se daret in theatrum...*

292 Ac. 28,16.

293 Lc. 10,34: *Duxit in stabulum, et curam eius egit.*

294 Lc. 10,35: *Et altera die protulit duos denarios, et dedit stabulario.*

295 Ac. 28,25: *Occurrerunt nobis usque ad Aprii forum, ac tres Tabernae.*

296 Ac. 27,12: *Respicientem ad Africum, et ad Corum.*

297 Ac., caps. 27 e 28.

Actos dos Apóstolos: *E encheu-se a cidade de desordem e, todos à uma, se precipitaram para o Teatro, arrebatando com eles Gaio e Aristarco, macedónios, companheiros de Paulo. E querendo este apresentar-se ao povo, tal não lhe foi permitido pelos discípulos. Mesmo alguns dos principais da Ásia, seus amigos, lhe mandaram pedir que não entrasse no Teatro. Gritavam uns de um lado e outros de outro, ignorando a maior parte do ajuntamento, confundido, o motivo daquela reunião*<sup>315</sup>. O tumulto chegou ao rubro com a multidão a gritar durante cerca de duas horas o grito atrás referido. Tudo terminou com o *scriba*<sup>316</sup>, um magistrado da cidade, a apelar à calma e a dizer que aquela assembleia era ilegal, tendo de haver *conventus* forenses, ou seja, convocatórias para uma reunião oficial, deduzindo acusação perante os procônsules<sup>317</sup>. O *Theatrum* de Éfeso revela-se-nos assim como um dos lugares mais importantes da cidade, como aliás poderá ainda ser constatado nos nossos dias pela sua localização topográfica, e como contraponto entre o templo de Ártemis e o *forum*. É interessante a informação de que o povo procurou o teatro como local de ajuntamento e não o *forum*. Tal se deveria à grande dimensão da cávea e, possivelmente, por a essa hora haver espectadores no teatro. Não nos é aduzida qualquer palavra identificativa das partes constitutivas deste edifício, mas o desenrolar da acção permite-nos imaginar a multidão espalhada por parte da cávea enchendo a *orchestra*, enquanto os magistrados e principais da cidade tentavam fazer-se ouvir no *pulpitum* ou sobre o muro do proscénio.

## ARTÍFICES E MATERIAIS EDILÍCIOS

As diferentes técnicas e materiais, assim como os artistas que permitiram o grande desenvolvimento e estatuto da arquitectura romana também estão presentes nos quotidianos narrados nos textos do Novo Testamento. As profissões de técnicos especializados em construção ou com ela directa ou indirectamente relacionados são citadas genericamente como fazendo parte da sociedade urbana terrestre, representada pela cidade de Babilónia, quando se afirma que não se encontraria mais nela artista algum de qualquer arte<sup>318</sup>. Os

edifícios, sejam eles de ordem material, sejam de ordem espiritual, que é a perspectiva preferencial dos textos, têm os seus construtores<sup>319</sup> e a cidade espiritual possui também o seu artífice e fundador<sup>320</sup>. Qualquer edifício espiritual deverá ter os seus fundamento lançados por sábio arquitecto<sup>321</sup>. Encontramo-nos, assim, perante imagens retiradas do quotidiano. Mas são também citados artistas actuando sobre a arquitectura real e concreta, como os fundidores<sup>322</sup>, os carpinteiros<sup>323</sup>, bem como, de modo mais indirecto, oleiros<sup>324</sup>, artífices argentários<sup>325</sup>, da arte das tendas e cenários<sup>326</sup>, assim como há referência à arte da escultura em ouro, prata ou pedra<sup>327</sup>.

Os materiais utilizados que podemos elencar são, na realidade, sobretudo a pedra, como acontece em relação às construções do Templo de Jerusalém<sup>328</sup>, onde se supõe o típico traço isódomo greco-helenístico correspondente ao *opus quadratum* romano, igualmente presente no tropo da pedra angular<sup>329</sup>. Mas também se referem, no contexto das mercadorias negociadas pelos comerciantes de Babilónia, imagem da cidade terrestre, a madeira odorífera<sup>330</sup>, o bronze<sup>331</sup>, o ferro<sup>332</sup> e o mármore<sup>333</sup>, materiais que, sem dúvida, têm a ver com a ornamentação das cidades e edifícios do Império romano, como o demonstra o não esquecimento do material que permitia a chamada marmorização em curso nas cidades romanas durante o séc. I da nossa Era, bem documentada na frase que Suetónio disse do Imperador Augusto: *gloriou-se de deixar em mármore uma cidade que recebeu em tijolo*<sup>334</sup>.

319 Mt. 21,42 e Mc. 12,10: *Lapidem, quem reprobaverunt aedificantes*.

320 Heb. 11, 10: *Cuius artifex, et conditor Deus*.

321 I Cor. 3,10: *Ut sapiens architectus fundamentum posui*.

322 *Aerarius*: II Tm. 4,14.

323 *Fabri*: Mt. 13,55

324 *Figuli*: Mt. 27,7.

325 *Argentarii*: Ac. 19,24.

326 Ac. 18,3: *Erant autem scenofactoriae artis*.

327 Ac. 17, 29: *Auro, aut argento, aut lapidi, sculpturae artis*.

328 Mc. 13,1: *Quales lapides, et quales structurae*. Lc. 21,5 : *Bonis lapidibus, et donis ornatum esset*.

329 I Pd. 2,7: *Lapis...hic factus est in caput anguli*.

330 *Lignum thinum*, Ap. 18,12.

331 *Aeramentum*, Ibidem.

332 *Ferrum*, Ibidem.

333 *Marmor*, Ibidem.

334 *Divus Augustus*, 29: *Ut iure sit gloriatus marmoream se relinquere, quam latericiam accepiisset tutam vero*.

Mas a riqueza dos textos, na sua tensão para a metáfora escatológica do edifício e da cidade, ressalta sobretudo pela quase preferência por outro tipo de materiais que, pela sua riqueza, raridade ou até pobreza, subvertem a realidade mas dão sentido e reforçam a mensagem. Assim acontece com o edifício espiritual citado por São Paulo, que poderia ser construído com *ouro, prata, pedras preciosas, madeiras, feno ou palha*<sup>335</sup>, ou com a Cidade Santa de Jerusalém, descrita no Apocalipse como sendo de ouro puro, semelhante ao cristal igualmente puro<sup>336</sup>. Tinha esta, segundo este Livro, a extensão de doze mil estádios e a sua muralha cento e quarenta e quatro côvados, toda ela de jaspe<sup>337</sup>, e nos seus fundamentos viam-se a safira<sup>338</sup>, a calcedónia<sup>339</sup>, a esmeralda<sup>340</sup>, a sardónica<sup>341</sup>, a cornalina<sup>342</sup>, o crisólito<sup>343</sup>, o berilo<sup>344</sup>, o topázio<sup>345</sup>, o crisópraso<sup>346</sup>, o jacinto<sup>347</sup> e a ametista<sup>348</sup>. Ficamos aqui sem qualquer dúvida da evidente intenção do autor do Apocalipse em recolher da natureza os materiais mais preciosos, que de facto poderiam ser usados como ornamento na arquitectura régia ou imperial – recordemos a *Domus Aurea* do Imperador Nero, de que todos, incluindo os Apóstolos e Evangelistas de certeza ouviram falar na segunda metade do séc. I d.C. – para significar a cidade ideal prometida e esperada pelo cristianismo nascente. Este *lapidarium* enumerado por São João poderá bem ser enquadrado na *curiositas* clássica dos levantamentos mineralógicos que conhecemos desde Teofrasto<sup>349</sup>, com destaque para os

elencos, praticamente contemporâneos do Livro do Apocalipse, de Plínio-o-Velho<sup>350</sup>, dos meados do séc. I d. C. e do chamado *Lapidário Órfico*<sup>351</sup>, dos princípios do séc. II.

## CONCLUSÃO

Temos de observar que, embora tenhamos tido sempre presente o texto grego, a que por vezes recorremos, foi sobre o texto latino que aqui se fez o levantamento dos termos e referências directas ou indirectas à arquitectura nos livros neotestamentários. Foi o estudo do léxico latino que permitiu, com efeito, o seu enquadramento na arte e cultura romanas, presentes na ocupação e administração da parte oriental do Império, onde decorre a maior parte da acção narrada nesses textos. Verificamos na tradução da Vulgata que o próprio São Jerónimo teve dificuldade em relacionar a tradição grega e helenística com a *consuetudo italica*, esta já mais que consagrada no seu tempo. De facto, os autores do Novo Testamento são oriundos da parte oriental do Império, tendo escrito originariamente logo em grego, à excepção de São Mateus, manifestando, por isso, uma visão das coisas a partir de um contexto judaico, com progressiva abertura aos mundos helenístico e romano, mas usando sempre o léxico grego. No que respeita à descrição dos contextos arquitecturais, São Jerónimo empresta uma clara *interpretatio romana*, característica dos finais do Império, a esta adaptação dos escritores Apóstolos e Evangelistas à tradição greco-helenística. Para além de forçar, digamos assim, essa *interpretatio* em relação a textos que foram escritos mais de três séculos antes, São Jerónimo, que viveu em Belém parte significativa da sua vida, faz a sua tradução perante o constatar da evolução da arquitectura e da paisagem humanizada na Palestina e no Próximo Oriente em geral entre o séc. I e os princípios do séc. V. Estamos, pois, em grande parte, perante uma visão da Antiguidade Tardia sobre o Império Romano no Oriente, sobreposta à dos tempos que vão de Augusto a Trajano, sobreposição cuja *décalage* seria interes-

335 I Cor. 3, 12-14: *Si quis autem superaedificat fundamentum hoc, aurum, argentum, lapides pretiosos, ligna, foenum, stipulam...*

336 Ap. 21, 18: *Ipsa vero civitas aurum mundi simile vitro mundo.*

337 *Ex lapide iaspide*, Ap. 21, 18.

338 *Sapphirus*, Ap. 21, 19.

339 *Calcedonius*, Ibidem.

340 *Smaragdus*, Ibidem.

341 *Sardonyx*, Ibidem.

342 *Sardius*, Ap. 21, 20.

343 *Chrysolithus*, Ibidem.

344 *Beryllus*, Ibidem.

345 *Topazius*, Ibidem.

346 *Chrysoprasus*, Ibidem.

347 *Hyacinthus*, Ibidem.

348 *Amethystus*, Ibidem.

349 D.E. Eichholz, *Theophrastus, De Lapidibus, Introduction, translation and Commentary*, Oxford, 1965. E. R. Caley and J.F.C. Richards, *Theophrastus, On Stones, Introduction, text, translation and commentary*, Columbus, Ohio State University, 1956.

350 E. De Saint Denis, *Pline, Histoire Naturelle, Livre XXXVII, Texte établi, traduit et commenté*, Paris, Les Belles Lettres, 1972.

J. André, R. Bloch et A. Rouveret, *Pline, Histoire Naturelle, Livre XXXVI, Texte établi, traduit et commenté*, Paris, Les Belles Lettres, 1981.

351 *Lapidario órfico*, Madrid, E.Gredos, 1990, pp. 343-409.

sante fazer noutro tipo de abordagem, seja sob o ponto de vista da interacção dos textos grego e latino, seja sob o ponto de vista da História da Arte.

Independentemente, porém, destas ressalvas, podemos concluir que os textos neotestamentários nos patenteiam uma perspectiva sobre a cidade helenística que, como a imaginava Dinócrates, o arquitecto de Alexandre Magno, teria a sua posição ideal no cimo de um monte<sup>352</sup>, pois aí, como diria São Mateus, não se poderia ocultar<sup>353</sup>. Todavia, encontra-se já presente a indelével marca do urbanismo romano, ponto de encontro de todos os que vêm do Oriente, do Ocidente, do Norte ou do Sul<sup>354</sup>. Chega-nos clara a informação de que a cidade é indissociável do campo, ou seja, do seu território, como bem o demonstra a frase de São Lucas ao dizer que uma notícia correu pela cidade e pelas *Villae*<sup>355</sup>. A cidade é instaurada no sítio mais estratégico de um determinado território (*finis*) e nesse local se instaura o urbanismo clássico, com três tipos de arquitectura: a militar, que diz respeito à *defensio*, a religiosa, que pertence à *religio*, e a de utilidade pública, no âmbito da *opportunitas*<sup>356</sup>. Damo-nos, assim, conta da progressiva aculturação do mundo semita com o mundo indo-europeu, através da proposta que este faz da ideologia das três funções<sup>357</sup>.

É, efectivamente, a cidade, na convergência dos seus traçados e funções, seja ela hipodâmica, etrusco-italica ou vitruviana, com o seu território e a sua integração nos eixos viários, marítimos ou terrestres, a realidade que mais transparece nestes textos dentro da categoria do espaço e de acordo com a sensibilidade do Historiador da Arte. Mas porque o objectivo dos seus autores se enquadra numa perspectiva escatológica, tudo neles assume uma dimensão conotativa, como imagem da eternidade. Assim o exprime o simples acto de construir – recordemos a sempre presente imagem bíblica da pedra angular<sup>358</sup> – e a descrição da Nova Jerusalém<sup>359</sup>.

352 Vitruvius, *De Architectura*, II, Pr: 2.

353 Mt. 5,14: *Non potest civitas abscondi supra montem posita.*

354 Lc. 13, 29: *Et venient ab Oriente, et Occidente, et Aquilone, et Austro.*

355 Lc. 8,34: *Et nuntiaverunt in civitatem, et in villas.*

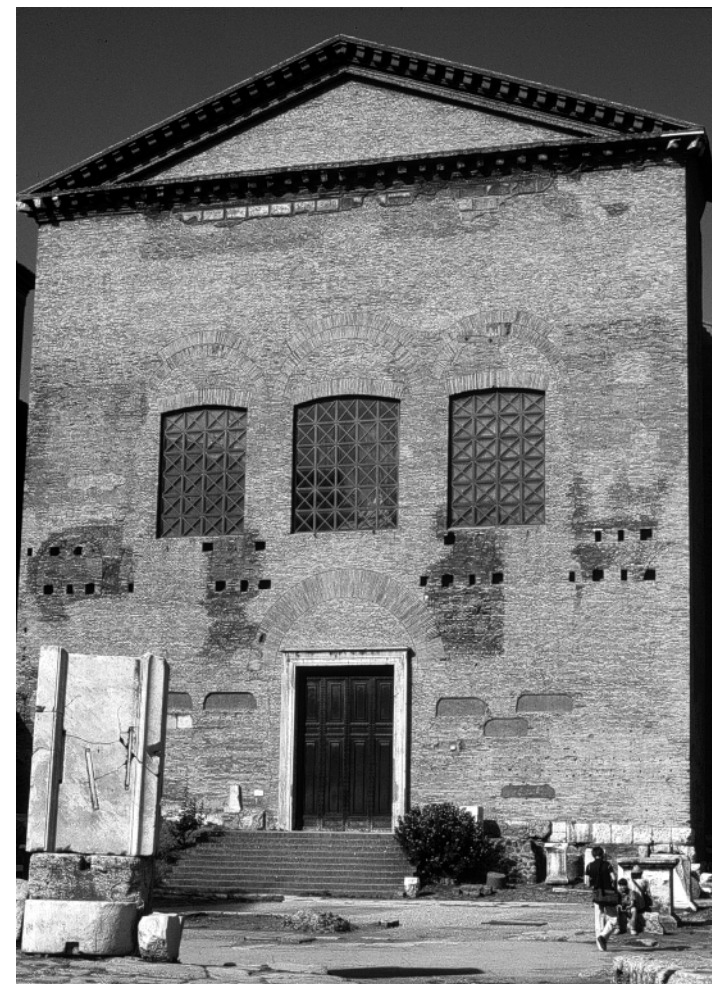
356 Vitruvius, *De Architectura*, I, III, 1: *Publicorum autem distributiones sunt tres, e quibus est una defensionis, altera religionis, tertia opportunitatis.*

357 G. Dumézil, *Idées romaines*, Paris, 1969. G. Dumézil, *La religion romaine archaïque*, Paris, 1974.

358 Sl. 118,22.

359 Ap. 21, 10-23.

Na perspectiva neotestamentária, com efeito, a verdadeira cidade, a que possui sólidos fundamentos, é aquela que tem por *artifex* e por *conditor*, ou seja, por artífice e fundador, o próprio Deus<sup>360</sup>.



Edifício da Cúria no *Forum* de Roma, cidade referida em Ac. 28, 16-39. Foto do autor.

360 Heb. 11,10: *Expectabat enim fundamenta habentem civitatem: cuius artifex, et conditor Deus.*